

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESTUDOS SOBRE O TURF.

QUEIRÓS, José Martins de

Ano: 1887 | Número: 4

Como citar este documento:

QUEIRÓS, José Martins de, Estudos sobre o turf. *Revista de Guimarães*, 4 (2) Abr.-Jun. 1887, p. 57-76.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ESTUDOS SOBRE O *TURF*

SEGUNDA PARTE

II

Os rapazes inexperientes precisam ser dirigidos por bons *traineurs*, porque entregues a si proprios nem teem a coragem da sobriedade nem a constancia nos exercicios; e muito menos saberão preparar e montar os cavallos corredores quando não tenham sido convenientemente industriados.

Posto que talvez não tenha feito conhecer tão minuciosamente, como deveria, o regimen que indique ao *jockey* o modo de tonificar-se e diminuir de peso, em vista das corridas para que está engajado ou espera engajar-se, creio ter dito o bastante para que a pratica, essa grande mestra da vida, possa dar-lhe o devido desenvolvimento e perfeição. Declinando portanto, e quanto possível, a minha responsabilidade, vejamos como se devem montar os cavallos de corrida e como qualquer se deve haver nas diferentes luctas hippicas, que se travam quer nos hipodromos regulares, quer nos terrenos em que a caça ou outro qualquer motivo convidam o *sportsman* a apresentar-se convenientemente montado.

Suppondo que o meu leitor não será demasiadamente versado n'esta especialidade de equitação, começarei por dizer-lhe que, em cavallos de corrida, é sempre boa aquella posição em que o busto se apruma com toda a flexibilidade, as espadas se quadram e se conservam á mesma altura, as mãos, segurando separadamente as rédeas do bridão, descem sobre a cernelha do animal, o assento, coxas, joelhos e barrigas das pernas adherem ao sellim, e os pés, *argolando* completamente os estribos, se encontram no prumo dos joelhos.

É esta a posição academica que os *jockeys* de profissão tomam nos andamentos não accelerados; mas desde que lançam

os seus cavallos a galope, e desde que a velocidade se faz sentir, levantam-se sobre os estribos e inclinam-se para diante com o duplo fim de alliviam os animaes d'uma parte do peso que a resistencia do ar, que se estabelece, se incumbem de sustentar, e de favorecerem o desenvolvimento da velocidade.

Effectivamente, para que o andamento do galope atinja o maximo desenvolvimento, é preciso que o peso adicional do cavalleiro se combine por tal fôrma com o peso e forças do cavallo que a linha de gravitação, commum aos dois sêres que formam o grupo equestre, tenda em cada projecção de galope a sahir fóra da base de sustentação, e force o animal, para evitar uma queda, a estender o mais possivel os membros anteriores. Se, nos andamentos vivos, o *jockey* não inclinar o busto para diante e pelo contrario conservar a posição vertical, ou obliqua para traz como é uso entre os sotas, nunca conseguirá que a resultante das forças de gravidade ultrapasse as mãos do animal, que não tendo por isso mesmo a necessidade instinctiva de se prevenir contra as quedas, não se estenderá o sufficiente para que o galope adquira toda a velocidade de que é susceptivel. Por seu lado a garupa, mais ou menos sobre-carregada por qualquer d'estas duas ultimas posições do cavalleiro, perderá tambem uma grande parte da sua acção para poder projectar devidamente a massa para a frente, e muito longe de augmentar diminuirá a rapidez do movimento. Portanto, e ainda que á primeira vista o não pareça, torna-se igualmente academica a referida posição, quando não é exagerada nem o *jockey* se levanta muito do sellim.

Vimos já quaes os meios de que um *jockey* pôde lançar mão, quando tenha necessidade de aligeirar-se até ao ponto de montar segundo a exigencia dos programmas, e portanto, suppondo-o em boa *condição* e vestido com a sua *toilette* de corridas, n'uma palavra prompto a montar a cavallo, e que a sineta o chama ao recinto da pesagem, recommendar-lhe-hemos: 1.º que se não faça esperar, sob pena de incorrer nas multas que a este respeito marca o regulamento; 2.º que nunca deixe de correr sem um pequeno excesso de peso, porque, como a transpiração que sobrevem após uma corrida seriamente disputada faz perder alguns grammas, se correr com o peso da tabella encontrará, ao repesar-se, differença para menos e será desqualificado—uns 100 a 150 grammas serão sufficientes, e não influirão no resultado da corrida; 3.º que ao sahir da balança tire a bola, cujo numero corres-

ponderá ao logar que ha de occupar no principio da corrida, porque depois de dada a partida cada qual governa-se conforme pôde; 4.º que ao toque de montar observe minuciosamente se o cavallo está bem aparelhado, isto é, se o bridão, cujas rédeas serão solidas e macias, nem cae sobre os dentes nem arregaçá os cantos da boca; se o sellim, com bons loros e em tal comprimento que a soleira do estribo possa tocar o alto do peito do pé quando estiver a cavallo, está a uma mão travessa das espadoas, tem cilhas fortes e convenientemente apertadas, e se o peitoral e gamarra estão postos de fôrma a deixar introduzir quatro dedos entre as correias e o peito do animal; 5.º que ao montar se faça ajudar por qualquer pessoa que o levante pela perna esquerda dobrada, de modo que possa com este apoio sentar-se na sella sem a tirar do seu logar, o que facilmente aconteceria se se auxiliasse do estribo; 6.º que nas corridas de saltos e caçadas monte sempre com os estribos um pouco curtos e completamente *argolados*.

Depois d'estas observações que não parecem vir fóra de proposito, e que indistinctamente poderão aproveitar tanto ao *jockey* de profissão como ao *gentleman rider*, tratemos de vêr como se deve montar um cavallo nas diferentes especies de corridas e quaes as regras, que convém observar, segundo as forças do animal e a extensão mais ou menos grande d'estas luctas.

Como todas as luctas hippicas, que presentemente fazem as delicias d'aquelles que se dedicam ao *sport* de montar os cavallos corredores, se podem classificar em duas categorias perfeitamente distinctas, não me parece desacertado que nos occupemos d'ellas em separado, não só porque fazem realmente uma grande differença entre si, senão porque os cavallos que são chamados a disputal-as differem tambem muito uns dos outros.

Á primeira categoria pertencem as corridas planas ou aquellas que, não sendo cortadas de obstaculos, naturaes ou artificiaes, não demandam cavallos que tenham um galope levantado, mas sim os que galopem largo e perto de terra, que sejam novos, velozes e de primeiro sangue. As corridas de velocidade, cujo limite maximo é ordinariamente de 1:500 metros, e as luctas de *fundo*, que podem variar entre 2:000 e 6:000 metros de extensão, são do dominio d'esta categoria e as primeiras de que nos vamos occupar, visto serem justamente aquellas que mais interesse causam, não só pelo grande numero e valia dos seus premios e pelos muitos cavallos

que concorrem a disputal-as, mas porque são realmente as unicas que merecem o nome de corridas, pois que só ellas deixam aos corredores a livre acção de todas as suas forças.

Effectivamente um campo vasto e cortado de obstaculos pôde determinar aproximadamente o grau de resistencia que um cavallo apresenta ás fadigas, pôde dar a medida da sua educação, da docilidade e franqueza com que vai para os saltos, pôde, emfim, evidenciar a coragem e saber do cavalleiro; mas o que nunca provará é a verdadeira e positiva apreciação da força, velocidade e *fundo*, que só o *turf* liso, macio, horisontal e desobstruido de tudo quanto possa impedir o jogo das funcções locomotoras, se reserva o direito de pôr inteiramente a descoberto.

Portanto, entremos primeiramente no campo das corridas planas, em que o *jockey* devidamente preparado, pesado e prompto para tomar parte na lucta, só espera o signal de montar a cavallo. É este o momento opportuno, não só de verificar se o cavallo está bem aparelhado, mas de refrescar-lhe os olhos, ventas e anus com agua fria, e dar-lhe ao mesmo tempo a beber dois goles d'uma mistura d'agua e cognac ou qualquer outra heberagem espirituosa, para o animar. Seguindo-se tambem o aphorismo « depois de bom vinho, bom cavallo », não deixará o *jockey* de tomar um calix de vinho generoso, que ao passo que refresca e acalma os nervos, e não ha quem os não tenha n'estas occasiões, reanima e incute uma certa coragem muito necessaria a todo aquelle que disputa, quer a meta dos hippodromos, quer uma corrida *à travers champs*.

Posto isto, supponhamos que o *jockey*, entrando na pista logo em seguida ao toque da sineta, começou por dar ao seu cavallo o *canter* do estylo, isto é, um meio galope em frente do juiz de chegada, que tem por fim dar larga aos pulmões predispondo-os para as grandes aspirações e expirações, que se effectuarão durante a corrida, e acalmar um pouco a excitação que ordinariamente se apodera dos animaes nervosos e conhecedores do *turf*. Quando, porém, por qualquer circumstancia se não julgue conveniente *aquecer* o cavallo, como em linguagem vulgar se diria, ao juiz de chegada pertence dispensar o *canter*, que aos olhos do *turfman* entendido pôde desde logo dar a medida da *chance* que assiste a cada corredor.

Não faltando o *jockey* a estas formalidades, cujo esquecimento poderá custar-lhe a multa d'algumas libras, voltará com o seu cavallo a passo ou a trote na direcção do poste de

partida, e enfileirando-se no seu logar com o possível sangue frio para não inquietar o animal, esperará o momento em que o *starter*, baixando a bandeira, dá o signal da partida.

É n'esta occasião que os *jockeys* astuciosos procuram desalinhar e desnortear os cavallos dos seus companheiros, empurrando-os ou provocando-os a sahir varias vezes a galope antes do signal competente e com o intuito de se aproveitarem da confusão e serem os primeiros a partir. Ora como o vencimento d'uma corrida, especialmente quando é de pequena extensão, depende a maior parte das vezes d'uma boa partida, aquelle que primeiro tomar a dianteira alcançará sem duvida alguma, e logo desde o principio da corrida, uma grande vantagem sobre os seus adversarios; por isso o *jockey* cauteloso, e que sabe dominar os nervos a ponto de se não deixar levar pelos manejos fraudulentos dos seus rivaes, evitará quanto possível essas partidas falsas, que tanto aborrecem e fatigam o cavallo, como arrelham o *traineur* e proprietario, e só se aventurará n'um galope vivo e decisivo, quando o signal da partida fôr definitivamente dado.

É preciso ter-se já desempenhado algumas vezes as funções de *starter* para bem avaliar as grandes difficuldades com que se lucta, quando se tem de metter em linha um grupo de corredores, para em seguida lhes proporcionar uma boa partida de fôrma que todos *arranquem* a um tempo e com a mesma igualdade. As difficuldades, augmentando ainda na razão directa da competencia e má fé de certos *jockeys* e na razão inversa da incompetencia e boa fé d'outros, dão em resultado serem poucas as corridas que não sejam precedidas de varias partidas falsas.

Um só *jockey* pôde, se acaso lhe convém, desafinar e lançar a confusão entre todos os cavallos do seu grupo, sem que seja facil reconhecer-se quem commette taes desordens e ainda menos se estas provém da astucia dos cavalleiros se da impaciencia dos cavallos. O juiz de partida tem, é certo, na sua mão não só desqualificar o animal, como multar e fazer apear o *jockey* turbulento; mas como descobrir este ultimo no meio dos seus camaradas, se uma esporada dada a proposito e no flanco opposto ao logar em que se acha o *starter*, e por isso mesmo invisivel para elle, é mais que sufficiente para atirar com o cavallo pelos ares e pôr tudo em confusão? Como verificar ainda se a culpa provém do cavalleiro se da sua *montada*? Como indemnisar, emfim, o proprietario por perdas e danos, quando deixa de concorrer ao premio se o seu cavallo ficar

delido no poste de partida e fôr por esse facto desqualificado? São estes apuros, em que ordinariamente se vê o *starter*, que garantem aos *jockeys* toda a impunidade nos seus manejos fraudulentos, bem como lhe dão, a elle *starter*, a suprema auctoridade de julgar e dar como boas todas as partidas, ainda mesmo que, ao signal dado, os differentes corredores partam atrasados uns dos outros.

D'aqui vem o dizer-se que a decisão do juiz de partida é infallivel, irrevogavel, e contra a qual não ha nem pôde haver protestos nem a mais pequena appellação. O juiz de chegada, gozando igualmente das mesmas prerogativas, constitue com o seu collega da partida uma entidade inseparavel, necessaria, a unica infallivel sobre o *turf* e digna de ser considerada por todos, mas muito principalmente pelos *jockeys*, que devem primar em acatar as suas ordens e deliberações.

Quando disse ha pouco que o *jockey* deveria ser cauteloso e ter a presença de espirito necessaria para não se deixar iludir, nem estafar e aborrecer o seu cavallo com partidas falsas, não tive em vista aconselhal-o a que levasse a sua prudencia até ao ponto de se deixar preceder, no momento da partida, pelos seus competidores. Se a *chance* pende ordinariamente nas corridas de velocidade para o lado de quem toma a primeira pista ou corda, com maior razão ainda se inclinará, e tanto mais pronunciadamente quanto mais curta fôr a corrida, para aquelle *jockey* que, ligeiro como um passaro, fôr o primeiro a partir, ou que, conforme se diz entre *sportsmen*, marcar o passo da corrida. De modo que, em corridas curtas, fique bem assente e como regra geral, todo o *jockey* lançará o seu cavallo n'um galope vivo e decisivo justamente no momento em que a bandeira do *starter* é abatida, pois só assim conseguirá ganhar a corda e com ella a vanguarda do pelotão de corredores. Escusado será dizer que, para se evitar o partir atrasado, ou adiantado de mais, o que importa o mesmo que uma partida falsa, por isso que se tem de voltar á retaguarda, não se deve perder de vista a bandeira do *starter* nem tão poucos os demais *jockeys*, que aliás serão muito boas pessoas, mas tambem muito propensos em lograr os outros.

Para se ganhar devidamente a corda, que sem duvida é o caminho mais curto para a meta, e para que se possa correr unido a ella de modo a não deixar que outro concorrente tome por este lado a dianteira, é preciso que no momento da partida o cavallo esteja em taes condições estaticas que possa **arrancar** justo e unido, galopando sobre a mão direita ou

sobre a mão esquerda, conforme a corrida é para a direita ou para a esquerda.

Esta posição, que faz adiantar um dos lados do animal e por conseguinte a mão correspondente e sobre a qual o galope deve começar, seguir e terminar, para não dar lugar ás passagens de mão que tanto atrazam o andamento; esta posição, digo, é imposta pelo cavalleiro, e se é justa, justo e unido seguirá o movimento e o cavallo terá facilidade de correr junto á corda, se é falsa ou contraria á pista a percorrer, o galope sahirá desunido ou completamente falso, levando o cavallo a afastar-se da pista e até a fugir por qualquer tangente á curva.

Qualquer que seja a especialidade da equitação, e isto como regra invariavel, é sempre a posição, dada ao mechanismo animal, que produz e faz nascer o movimento. Em outros termos: « o cavalleiro dispõe e o cavallo executa ». Se este está bem collocado em relação a um dado movimento, naturalmente nenhum outro se produzirá; mas se está fóra de posição ou a não tem apropriada, e não importa agora saber porque, poderão realisar-se todos os manejos, ainda mesmo os mais phantasticos, menos aquelle que se pretende fazer executar.

Partindo d'este principio e suppondo que o *jockey* está prestes a largar, recommendar-lhe-hemos que em caso algum deixe de dar ao seu cavallo a referida posição, que o impoñha mesmo por meio das *ajudas*, para que no momento da partida só o galope justo, e em relação á pista sobre que vae correr, possa ter logar; porque se assim não fizer, e deixar que o animal tome de per si a iniciativa e se atire para a frente como muito bem lhe parecer, encontrar-se-ha na maior parte dos casos em sérias difficuldades. Esta prevenção, que tanto urge tomar-se na occasião da partida, e que só de per si póde obstar a um revez como milhares de vezes tem succedido, consiste simplesmente em atravessar ou obliquar um quasi nada o cavallo na direcção do corrimão externo da pista, quer dizer, á esquerda se a corrida é para a direita e á direita se a corrida tem logar sobre a esquerda.

Quando se sabe fazer uso das mãos e das pernas, e um *jockey* já não o deve ignorar n'estas alturas, não ha difficuldade em obter esta posição em que o cavallo, não podendo deixar de adiantar um dos bipedes lateraes, o direito para a corrida á direita e vice-versa, ha de necessariamente, se acaso obedecer ás *ajudas*, começar pela mão correspondente o galope, que será justo e conforme com as regras da equitação e leis que regem o equilibrio hippico, tendo de mais a mais a vantagem

de permittir que o *jockey* veja não só o *starter* e por conseguinte o signal da partida, que é sempre dado da corda externa da pista, mas todos os seus collegas que lhe ficarem para este lado.

Se em vez de se collocar o cavallo na referida posição, que pôde bem calcular-se n'um oitavo de perfil em relação ao logar que o *starter* occupa, que é o quanto basta para que o galope possa começar sobre a outra mão, se se deixasse paralelo á corda e portanto quadrado das espadoas e das ancas, posição prévia do passo e trote, difficilmente se obteria o galope, e quando por um bom ataque d'esporas este andamento viesse a ter logar, seria tardio e sobre a mão que o acaso determinasse.

Imaginando ainda em ultima hypothese que, por ignorancia ou negligencia do *jockey*, o cavallo tomava uma posição obliqua e inteiramente contraria á primeira, de fôrma que olhando para o interior do hippodromo voltasse a garupa para o lado de fóra, obter-se-hia realmente um galope; mas além de tardio, por não ser visivel para o *jockey* o signal da partida, a não ser por aquelle que tivesse tambem olhos na nuca, sahiria inteiramente falso, e, quando não levasse o cavallo fóra da pista, afastava-o, pelo menos, para fóra da corda.

Como os tres andamentos naturaes, passo, trote e galope fazem entre si muita differença, tambem não será para estranhar que o cavallo, quer obre instinctivamente, quer obedeça ao seu cavalleiro, se prepare de diverso modo para estas locomoções. Assim é que para o passo e trote, « andamentos horizontaes », lhe é necessaria a posição quadrada das espadoas e das ancas, quer dizer, que precisa estar collocado n'um plano paralelo á linha a percorrer. O galope que pelo contrario é um andamento « parabolico-saltado », e em que a seu turno um pé, um bipede e uma mão, fazem a sua batida sobre o terreno, sustentando e projectando reciprocamente o peso do corpo, exige uma preparação toda particular, que, como vimos dizendo, será á posição obliqua á esquerda para o galope á direita e vice-versa.

Se tratassemos da equitação propriamente dita, ou da « poesia » d'esta arte, que bem ou mal se intitula alta escola, não seriamos nós que prescreveriamos uma tal posição como prévia preparação para o andamento do galope; mas como o nosso estudo versa simplesmente sobre o *turf*, não duvidamos apresentar como melhor aquella posição, que conduz mais pela força do que pelo tacto ao movimento desejado, e que por isso

mesmo em mais harmonia está com a equitação de corridas e com os cavallos que se empregam n'este mister, que são, como todos sabem e não podem deixar de ser, duros da fibra, pouco flexiveis e nada equilibrados.

Portanto, quem quizer montar com uma certa arte n'esta equitação especial, e segundo as leis do equilibrio hippico, que prescrevem ao cavallo o galopar sobre a mão, que mais proxima estiver d'uma curva qualquer, o que não só torna o andamento mais facil e mais veloz, mas menos perigoso para o grupo equestre, em razão da sua linha de gravitação cahir justamente dentro da base, formada pelo bipede lateral mais adiantado e mais proximo da circumferencia, deverá dispôr o seu cavallo a galopar sobre aquella mão que pela posição obliqua e correspondente, que préviamente lhe tiver sido dada, se achar mais adiantada. Assim haverá mais probabilidade de se manter o cavallo junto da corda, evitar-se-hão tambem mais facilmente as sahdas para fóra da pista bem como as passagens de mão, que tanto atrazam o andamento, e que instinctivas, ou provocadas pelo cavalleiro, são indispensaveis para obstar ás quedas de chapa, quando o cavallo, ao tornear as curvas, vai galopando falso ou sobre a mão do lado de fóra.

Depois d'estas considerações, que não deixam de ter uma tal ou qual importancia para a aprendizagem do *jockey*, vejamos definitivamente como se deverá montar e conduzir um cavallo nas differentes luctas que estão mais em voga sobre o *turf* peninsular, e que, como já sabemos, são o Criterium, Nacional, Peninsular, Omnium, Cosmos e Consolação.

Como todas estas luctas tem a sua distancia regulamentar, e são feitas em condições iguaes em quasi todos os hippodromos, não nos parece que seja da maior importancia industriar o *jockey* em cada uma d'ellas em particular; por isso, e porque a todas, com ligeiras modificações, se podem applicar as mesmas regras e principios, escolheremos apenas duas, que, além de nos servirem para o nosso estudo, serão como que um meio de comparação para as restantes.

Quando se sabe disputar uma corrida de velocidade e uma corrida de *fundo*, que são as duas luctas de que nos vamos occupar e que serão representadas, a primeira pela corrida de Consolação, a mais curta n'este genero pois não costuma ter mais de 800 metros, e a segunda pela Cosmos que regula por 3000, está-se á altura de correr qualquer *flat-race*, seja qual fór a sua extensão, logo que se tenha um tal ou qual conhe-

cimento do cavallo em que se monta e se aprecie bem o seu andamento de galope.

Em vista d'isto, e sem que pretendamos indicar de um modo positivo como o *jockey* deve proceder desde que lhe é dada a partida até que alcança a meta, porque isso depende não só de varias circumstancias, mas de eventualidades e peripecias que podem dar-se durante a carreira, e que não nos é dado prevenir, vamos fazer quanto possivel por informar o leitor do que geralmente é costume observar-se.

Posto o *jockey* sob a bandeira do *starter* e tendo diante de si uma pista de Consolação ou de 800 metros, o que para o caso vale o mesmo, a primeira coisa que deverá fazer, e sem perder um só momento, é collocar o seu cavallo em condições de *arrancar* n'um galope justo e tão veloz, que ao primeiro signal possa tomar a frente aos seus competidores, poupando desde então o animal o mais que lhe fôr possivel, para poder ainda contar com elle nos ultimos instantes da corrida, caso qualquer dos concorrentes ouse tolher-lhe o passo. Se apesar de todos os seus cuidados e esforços o *jockey* não consegue desde logo ganhar a dianteira e é, por exemplo, o ultimo a partir, o que n'uma corrida de tão pequena extensão equivale a perder a *chance*, pôde considerar-se fóra do combate, quando por um excesso de velocidade, que rapidamente e por todos os meios deverá communicar ao seu cavallo, não alcançar aquelles que marcam o passo da corrida, de modo a tomar-lhes a frente — só e justamente pelas alturas do poste de distancia, isto é, nos ultimos 100 metros áquem da meta.

N'esta segunda hypothese quanto mais tarde se tomar a dianteira mais probabilidade haverá de se cantar victoria, porque a maxima velocidade nenhum cavallo a pôde conservar além d'alguns momentos, e aquelle que partir atraz de todos, e se esforçar por ganhar o terreno que perdeu no principio da corrida, ficará impossibilitado para marcar o passo e será fatalmente derrotado, se muito cedo passar á frente do pelotão de corredores, que não tendo ainda *dado tudo* estarão frescos e prompts para entrar em lucta á primeira solicitação do cavalleiro. De modo que, em corridas de tão pequena extensão, como aquella a que nos vimos referindo, quem não pôde desde logo tomar a corda, ou partindo atrazado gastou antes do momento opportuno as forças do seu cavallo, tem quasi sempre por perspectiva uma derrota, que será tanto maior, quanto mais cedo abusar do animal.

O *Criterion*, cuja distancia orça por 1500 metros, é ainda

considerado como uma corrida de velocidade, e pôde ou deve mesmo correr-se segundo os principios que acabamos de expôr; como porém é mais extenso que a corrida de Consolação, mais tempo tambem terá o *jockey* de remediar qualquer falta em que porventura tiver cahido durante os dois primeiros terços da carreira.

Tanto n'estas corridas como em quaesquer outras, e por maior que seja a sua extensão, pôde o *jockey* dirigir o seu cavallo de dois modos differentes, devendo em todo o caso dar a preferencia áquelle que melhor convenha ás forças e *condição* do animal. Se este é dotado de magnificos pulmões, e tem mais velocidade do que *fundo*, é preferivel conduzil-o de fôrma a poupar-lhe as forças até aos ultimos momentos, levando-o atraz e a pequena distancia d'aquelles que marcarem o passo da corrida, ou que *fizerem jogo* como dizem os francezes, pelo menos até aos dois primeiros terços da carreira. Se pelo contrario a sua principal qualidade é o fundo ou resistencia em virtude do que pôde aguentar um galope vivo desde o poste de partida até á meta, ha toda a vantagem em o fazer marcar o passo, porque assim obrigará todos os seus competidores ou a darem desde logo tudo quanto puderem, esgotando a breves espaços todas as suas forças e velocidade, ou a ficarem para traz renunciando aos louros da victoria. Cavallos ha que, reunindo n'um alto grau estas duas preciosas qualidades, pois que uma não exclue de fôrma alguma a outra, podem fazer, n'um andamento bastante acelerado e n'um espaço de tempo relativamente curto, distancias consideraveis em que outros desfalleceriam, se os forçassem a ir mais além e com maior velocidade que o seu organismo lhes permite. E é por isso que o *jockey*, para tirar todo o partido do cavallo em que monta, deverá apropriar-lhe a corrida que mais convenha á sua *condição* e natureza, não esquecendo nunca que a maxima velocidade, depois de bem desenvolvida por uma boa preparação, não vai além de 600 a 800 metros, e que o *fundo*, ou vigor com que um cavallo pôde sustentar uma corrida longa, tambem não é inesgotavel.

Quando um *jockey* não tem um pleno conhecimento do cavallo, ou não corre com poderes discricionarios, recebe então o santo e a senha, isto é, *ordens*, em que o *traineur* e proprietario de commum accordo lhe indicam como deve fazer a corrida, e em que alturas deverá tentar bater os seus adversarios. N'estes casos o *jockey* não tem a menor responsabilidade, e quando venha a perder qualquer corrida, teado cum-

prido á risca as ordens que recebeu ao metter o pé no estribo, a culpa lá vai a quem toca, e tanto o *traineur* como o proprietario não poderão queixar-se senão da leviandade com que estudaram as qualidades do seu cavallo e do pouco caso que fizeram dos outros concorrentes. Quando os *jockeys* não são inteiramente alheios ao seu mister, o mais razoavel é deixar-lhes uma certa liberdade d'acção para poderem tirar-se das difficuldades em que muitas vezes se encontram, e de que não poderão sahir-se facilmente, se as ordens tiverem sido terminantes e positivas.

Já agora digamos tambem que a melhor maneira de segurar um cavallo de hippodromo, e dar-lhe a devida direcção, é pegar nas 4 rédeas do bridão com ambas as mãos, em pronacção ou *d'unhas a baixo*, de fórma que as rédeas esquerdas, entrando na mão esquerda e as rédeas direitas na mão direita pelo lado dos dedos minimos, e separadas por elles, saíam por entre os pollegares e indicadores. As rédeas, que vem directamente á mão do cavalleiro, são as que se costumam collocar sobre os dedos minimos, e entre estes e os annulares as que passam pelas argolas da gamarra. Nos cavallos esgalgados e muito especialmente nos saltadores o peitoral é indispensavel para que as sellas não tombem ou cáiam pela garupa, como uma vez aconteceu á minha egua Béllone, deixando, talvez por este incidente, de ganhar o seu primeiro Criterium.

Pelo que diz respeito ao desenvolvimento da velocidade, já se vê que são as esporas e o chicote que a provocam; mas, a não ser que as primeiras deixem de produzir a sua acção, nunca se empregará o segundo, salvo como ultimo recurso ou quando um cavallo tenta afastar-se da corda ou quer fugir da pista, porque então uma boa chicotada sobre as ventas ou pescoço fal-o-ha renunciar aos seus intentos e seguir direito. O chicote empregado a proposito é para os cavallos o verdadeiro manual de civilidade; mas quando cae fóra de tempo sobre o flanco, ou cinge o ventre d'um animal irritavel e nervoso, dá sempre maus resultados, e, ou o impelle n'uma direcção opposta á chicotada, ou o faz encolher diminuindo portanto a velocidade do andamento. É preferivel por isso o emprego das esporas, que castigando mais igualmente os dois flancos do cavallo obrigam-no a correr direito, além de que não poderão molestar os outros corredores como ordinariamente acontece com o chicote, quando dois ou mais cavallos correm emparelhados. A melhor maneira de pôr as esporas, e de as afivelar, é sobre a parte superior do contraforte da bota que circunda o

calcanhar, de fôrma que as puas fiquem viradas para cima.

São tantas as mil miudezas que concorrem para a boa apredizagem do *jockey* que, se as tivéssemos de referir uma por uma, enfadaríamos por certo o caro leitor; por isso, e porque a pratica supprime sempre as insufficiências da theoria, passaremos adiante fazendo por concluir o nosso estudo sobre as corridas planas e indicando como se deve disputar um Cosmos, que actualmente é a mais importante corrida de *fundo* da península. Quanto ás luctas intermédias, cuja distancia se acha comprehendida entre os 800 metros da corrida de Consolação e os 3000 por que orça o Cosmos, como são o Criterium, Nacional, Peninsular, os *handicaps*, e o proprio Omnium que quasi sempre tem esta ultima extensão, deixaremos tambem de as analysar não só porque assim nos furtaremos a repetições, mas porque, como já dissemos, são susceptíveis de fazer-se segundo as regras e principios que regem as duas corridas que de preferencia escolhemos.

Já dissemos tambem que o *jockey*, qualquer que seja a extensão d'uma corrida, tem sempre duas maneiras differentes de conduzir o animal que lhe é confiado, devendo em todo o caso fazer escolha d'aquella que maior numero de probabilidades lhe proporcionar, porque o seu dever é sahir vencedor, pouco importa que seja por uma cabeça, por um pescoço, como por um ou dois corpos de cavallo.

N'uma corrida de Consolação, que é a verdadeira expressão das luctas de velocidade, por isso que o maximo desenvolvimento d'esta qualidade anda aproximadamente pela mesma distancia, terá sempre grande vantagem aquelle *jockey* que desde o principio correr com dianteira. Quando porém se trata de uma corrida de *fundo*, e que um cavallo não pôde fazer, como vulgarmente se diz, d'um só fôlego, o caso muda muito de figura e só depois de se estudar detidamente o estado de condição, forças, idade e temperamento não só do animal mas de todos os outros que com elle concorrem a um dado premio, e de não esquecer tambem que o estado do tempo e da pista, a distancia a percorrer, os pesos, as superioridades dos *jockeys*, etc., influe consideravelmente no resultado d'uma corrida, é que se poderá preferir, com tal ou qual probabilidade de ganhar, este ou aquelle systema de correr.

Em geral quando n'uma corrida de *fundo*, no nosso Cosmos por exemplo, se monta um cavallo forte e vigoroso, que aguentou uma boa preparação em virtude do que perdeu o tecido adiposo e ficou todo musculos por dentro e por fóra, a

ponto de poder respirar livremente e de dar, de fio a pavio e em bom andamento, carreiras extensas, é preferível fazer-se uma corrida de *jogo*; mas afôra estes casos dão sempre melhor resultado as corridas de *espera*.

Examinemos em poucas palavras estas duas hypotheses em que todo o *jockey* se tem de encontrar no decurso da sua carreira. Supponhamos portanto que o *jockey*, montando um cavallo nas melhores condições de fazer uma corrida de *jogo*, recebeu ordens n'este sentido e largou ao grande galope immediatamente após o signal da partida. Se a corda lhe foi apanhada por outros que sahiram primeiro, deverá conquistá-la o mais breve possível, começando desde logo a marcar o passo e a regular por tal fórma a corrida, que nem deixe passar adiante de si os seus companheiros, nem force o andamento do galope até ao ponto de esgotar as forças do animal e com ellas uma certa dóse de velocidade, que precisa reservar para o fim da carreira.

Quando os concorrentes não são de temer não ha difficuldade em conduzir d'esta fórma as corridas de *fundo*, que ordinariamente terminam por serem ganhas a meio galope e sem que se faça uso do chicote e das esporas. Quando porém acontece o contrario, e apparecem alguns corredores cujas forças se podem medir, as difficuldades tornam-se grandes e um *jockey* vê-se e deseja-se para chegar vencedor. É uma lucta a todo o transe desde o principio ao fim, e em que os *jockeys* que galopam atraz apertam por tal fórma os que correm na frente, que os forcem, ou a perder o logar deixando em certo modo de cumprir as instrucções que lhe deram, ou a marcar um passo que, por demasiado veloz, prejudicará sensivelmente as suas *montadas* e em beneficio de todas as outras.

N'estas circumstancias, o melhor que um *jockey* tem a fazer é dar ao seu cavallo toda a velocidade para vêr se consegue adiantar-se e livrar-se dos seus importunos perseguidores, modificando em seguida o andamento á medida que elles tambem o modificarem; mas se por este meio nada chega a conseguir, e muito longe de desistirem luctam com maior tenacidade, o mais prudente, caso a meta ainda fique distante e o cavallo dê mostras de não poder conservar a dianteira, será abandonar a corda e passar a fazer uma corrida de *espera* e no encalço d'aquelle, ou d'aquelles que mais tenazmente o perseguiam. D'esta fórma póde muito bem acontecer que, ao chegarem pelas alturas do poste de distancia, os perseguidores passem a ser os perseguidos e até sejam derrotados, se o jo-

ckey depois que mudou de tactica, passando a fazer uma corrida espectante, deixem-me assim dizer, soube aproveitar bem as forças do seu cavallo e empregou convenientemente, e na occasião opportuna, todos os meios ao seu alcance para emparelhar, passar e bater os seus rivaes.

É para estas occasiões criticas, em que os *jockeys* muitas vezes se encontram, que é conveniente deixar-lhes uma certa liberdade para se conduzirem segundo as circumstancias; porque aliás, cumprindo cegamente as ordens que lhes deram, não poderão aproveitar qualquer pequeno incidente de que venha a depender o bom resultado d'uma corrida. Em todo o caso deve recommendar-se-lhes, o que será escusado fazer a um *jockey* experiente, que evitem quanto possivel o correr emparelhados com os seus rivaes, porque assim como as luctas a par animam e estimulam extraordinariamente todos os cavallos, tambem os fatigam e esfalfam em pouco tempo; e quem n'uma corrida, e antes da lucta decisiva, se bater por esta fôrma, não poderá levar ao fim o seu cavallo em estado de alcançar uma victoria.

Quando as corridas são bem dirigidas, a lucta decisiva só vem ordinariamente a travar-se nos ultimos 100 metros, que vão do poste de distancia á meta, e é então que os cavallos, que até alli foram bem montados, estão aptos para se baterem como leões e que os *jockeys* podem desenvolver toda a sua pericia e empregar os ultimos recursos, servindo-se energeticamente do chicote, das esporas, do *rolar* das rédeas, emfim, de tudo quanto possa ajudal-os a sahir vencedores.

N'estas condições são as corridas de um verdadeiro interesse para todas as pessoas que as presenciam, e, se os *jockeys* se vêem em grandes apuros, tambem não é pequena a gloria para aquelle que sabe concluir, com todas as regras que a arte prescreve, uma corrida difficil e que é vivamente disputada por corredores valentes e audaciosos. E é por isso que o *jockey* que não é indifferente á gloria de bater os seus rivaes, que preza a reputação de cavalleiro, que deseja, emfim, encontrar uma boa remuneração pelos seus serviços, deverá esforçar-se não só por conduzir o seu cavallo de fôrma a poupar-lhe as forças durante a carreira, para poder usar d'ellas com toda a energia na lucta final, mas fazer por poupar-se a si proprio, não esgotando as suas forças physicas nem perdendo as moaes, umas e outras tão necessarias para empregar devidamente as ajudas e para poder tirar o maximo partido do cavallo que lhe tiver sido confiado.

O *jockey* que no calor d'uma corrida se atrapalha e perde a cabeça ou o sangue frio, o que vale o mesmo, qualidade que deve constituir o seu mais elevado merecimento e sem a qual difficilmente logrará alcançar qualquer vantagem sobre os seus adversarios, não pôde deixar tambem de perder as forças physicas, pois que as mãos e as pernas que as representam, abandonadas por aquelle agente moral que as governa e harmonisa em suas acções tão differentes, hão de começar por insurgir-se umas contra as outras, terminando por aniquilar-se em consequencia do uso immoderado e intempestivo do chicote, das esporas e dos movimentos desordenados de todo o corpo. Pela sua parte o cavallo que é fustigado e apertado por ajudas inconscientes e irreconciliaveis, como são as pernas e mãos d'um *jockey* que chega a perder a *tramontana*, ha de tambem começar por resistir e acabará por fatigar-se, fatigando ao mesmo tempo o cavalleiro. Portanto torno a repetir: é indispensavel que o *jockey* se poupe e poupe igualmente o seu cavallo.

Como mais adiante tencionamos fallar das esporas e do chicote e do modo de convenientemente empregar estas ajudas, passemos a vêr em que consiste o *rolar* das rédeas e para que serve esta ajuda, que entre nós ainda não é demasiadamente conhecida. A acção do *rolar* consiste em descrever com as mãos, em plano obliquo á cernelha do animal, uns certos movimentos circulares de que as rédeas participam, e que tem por fim precipitar o apoio dos membros anteriores, acelerar as batidas do galope e multiplicar, portanto, a velocidade. Esta ajuda, que rompe e reconstitue momentaneamente o equilibrio hippico em cada batida completa de galope, e secundaria por ataques de espora quando assim se torne necessario, força o cavallo a estender-se quanto pôde, é promptamente comprehendida por elle, e empregam-na os *jockeys*, como ultimo recurso, quando a par uns dos outros, e péga não péga, se não podem servir do chicote sem risco de tocarem os cavallos dos seis adversarios.

Para bem *rolar*, e segundo dizem os mestres, é preciso que o *jockey* passe da posição levantada sobre os estribos, e inclinada para diante, á posição vertical e firme sobre a sela. Só assim é que os braços, e as mãos por consequencia, terão facilidade de imprimir ás rédeas os movimentos circulares, fazendo-as apoiar alternada e successivamente sobre as duas táboas do pescoço, o que dá em resultado, como acima disse, o apoio rapido e successivo dos membros anteriores, batidas

de galope, e, por ultimo, o maximo desenvolvimento da velocidade. Mas para que esta ajuda vá de harmonia com os movimentos do cavallo, e não os contrarie, é necessario que o *jockey* role á direita no galope sobre a mão direita e vice-versa, quer dizer que as rotações, que o cavalleiro imprime ás rédeas, deverão começar da esquerda para a direita no galope sobre a direita, e inversamente da direita para a esquerda no galope sobre este lado.

Faltando ainda fallar na hypothese de ser mais vantajoso para o cavallo que o *jockey* faça logo desde o principio uma corrida de *espera*, vamos apresental-a e teremos assim concluido o nosso estudo sobre o modo de conduzir as corridas planas. O systema de seguir até uma pequena distancia da meta os corredores mais adiantados é de todos o mais facil, o mais agradável, o mais seguro e o menos perigoso, não só porque o *jockey* que vai na retaguarda pôde observar como os seus rivaes se conduzem, e aproveitar portanto um qualquer incidente ou emendar-lhes a mão quando commettam uma falta, regulando e dirigindo a proposito o andamento da sua *montada*, mas porque quanto mais lentamente fizer a corrida, o que não quer dizer que se deva atrazar de mais, menos fatigado terá o cavallo e portanto em melhores condições de entrar na lucta final, caso esta se chegue a travar.

N'estas condições, e suppondo que ainda se trata de uma corrida de *fundo*, do Cosmos por exemplo, como o *jockey* tem bastante espaço diante de si, não precisa precipitar a partida, e até se torna preferivel que seja o ultimo a largar, pois assim mais facilmente poderá evitar as partidas falsas. O essencial é que se não atraze de mais durante o trajecto, e que pelo contrario procure ganhar pouco a pouco o terreno, tomando successivamente o logar que lhe forem deixando os seus adversarios, de fôrma que na devida altura possa emparelhar, passar e bater os que marcharem na frente. A partir d'este momento, e como naturalmente poucos metros de corrida poderão faltar, o *jockey* observará se o cavallo conserva ainda o vigor necessario e dá de per si toda a velocidade, porque n'este caso bastará *render-lhe* um pouco as mãos para sahir vencedor; mas se o animal desanima, e começa a deter-se a ponto de correr o risco de ser apanhado, é indispensavel estimulal-o por todos os meios, empregando com toda a energia os ataques de *espora*, o *rolar*, as *chicotadas*, etc.

Emfim, quando o pelotão de corredores é numeroso e se desenvolve logo desde o principio com toda a velocidade, o que

ordinariamente succede pela sofreguidão que todos tem de se apanhar em bom lugar após a primeira volta, deixando assim, e apesar de todas as precauções, o cavallo, que faz a sua corrida de *espera*, a uma grande distancia, nunca o *jockey* deve-
 rá desesperar de sahir vencedor, se com toda a prudencia reser-
 var as forças do animal até que todos os outros tenham
 esgotado as suas. Mas, se em vez de conservar a serenidade
 de espirito para poder subordinar os seus meios de acção, que a
 seu turno governam o cavallo, começa por levantar o chicote
 e cravar as esporas nos flancos do animal, com receio de que
 todos lhe fujam, acabará por ser derrotado tendo feito uma fi-
 gura ridicula.

Se é na lucta final que o *jockey* mostra toda a sua pericia, não é menos certo que durante a carreira é que elle prepara a victoria; portanto não deverá, nem lançar-se no turbilhão, a exemplo dos seus companheiros, nem tomar á viva força o lugar que elles occuparem, quando juntos ou emparelhados desenvolvam toda a velocidade, porque, se tentar passar pelo lado da corda, poderá ser entalado por um rival manhoso que de proposito finja ceder-lhe o lugar, e passando pela parte de fóra, isto é, pelas pistas externas, não póde deixar de perder bastante terreno, sendo o hippodromo como aqui o imaginamos, de fórma elliptica ou circular.

Em taes casos, o melhor e o mais seguro que o *jockey* tem a fazer, é aproveitar prudente e progressivamente todo o terreno, e apoderar-se dos logares que *forem vagando*, para definitivamente passar á cabeça dos corredores quando os vir um tanto fatigados e galopando, já, atraz uns dos outros. Estando n'estas alturas o caminho um tanto desobstruido, pois é raro que os cavalloes se conservem ainda emparelhados ou mesmo em grupo e com a velocidade inicial com que partiram, póde o *jockey* tomar com mais facilidade a dianteira e tanto por um como por outro lado, mas especialmente pelo de fóra, o que então lhe será indifferente, visto que, terminando os hippodromos n'uma recta mais ou menos alongada, todas as pistas são iguaes, e tanta vantagem terão portanto os que galoparem pela direita como aquelles que forem pela esquerda.

Antes de entrarmos no capitulo seguinte que, como se verá, trata principalmente do modo de montar os cavalloes destinados ás corridas de obstaculos, digamos sempre qualquer coisa ácerca das esporas e do chicote, que, como agentes auxiliares do movimento, nem todas as pessoas sabem empregar devidamente.

Na equitação usual, mas sobretudo na alta escôla, as es-

poras e o chicote occupam um logar importantissimo na educação do cavallo, e da sua applicação variadissima, moderada e a proposito, resulta o entenderem-se maravilhosamente as duas partes componentes do grupo equestre. O cavalleiro concebe e manda, transmittindo ao cavallo a sua vontade por intermédio d'estas ajudas, e este obedece, pondo inteiramente á disposição d'aquelle todas as suas forças para a execução dos movimentos e posições desde as menos complicadas até ás mais difficeis e phantasiosas.

N'esta parte da equitação, que faz o assumpto forçado do nosso estudo, as esporas e o chicote teem uma acção mais restricta e por isso mesmo muito mais comprehensivel, tanto para o *jockey* como para o cavallo, pois limitam-se unica e simplesmente a determinar o movimento progressivo e a auxiliar o seu maximo desenvolvimento, a amparar o animal que intenta fugir da pista, e a castigar, por fim, aquelles que o merecem e se tornam rebellões. Ainda assim e apesar da facil applicação d'estes agentes, para que possam ser comprehendidos pelo cavallo e lhe auxiliem o mechanismo no sentido do movimento, urge que o *jockey* os saiba empregar moderada e convenientemente.

O chicote, por exemplo, que é de um bom recurso para ajudar um cavallo a bem concluir uma corrida, deve ser empregado atraz da bota do cavalleiro e ao correr do pélo do animal, de modo que as chicotadas resvalem dos flancos para a garupa. Quando o golpe é vertical e a pontilha do chicote cinge o ventre do cavallo, o resultado é inteiramente outro, pois que a contracção, que se opéra nas visceras abdominaes, communicando-se a todo o corpo e fazendo-o encolher, diminue o espaço que os quatro membros deveriam abranger, neutralisa a força acceleratriz e oppõe-se finalmente ao desenvolvimento da velocidade.

O chicote empregado por este ultimo feitio deixa de ser uma valiosa ajuda para tornar-se em rigoroso castigo, e certamente quem souber o que faz não irá castigar um cavallo no intuito de o auxiliar a correr. Uns ligeiros toques de chicote sobre as espadoas ou sobre o pescoço amparam o animal, que dá indicios de não querer seguir direito, e de harmonia com as rédeas levam-no a retomar a devida direcção. Segundo a força das circumstancias e a natureza da resistencia, uma boa chicotada sobre as ventas fal-o-ha renunciar inteiramente a todos os seus caprichos.

Por seu lado as esporas tambem castigam e ajudam con-

forme o logar e a maneira como forem empregadas. Quanto mais proximo dos ilhaes, e mais sêccamente se fizerem sentir, melhor auxilio prestarão á garupa na producção e multiplicação do movimento progressivo. Sobre o diaphragma, isto é, applicadas logo atraz das cilhas, produzem a contracção espasmodica d'este musculo, e, encolhendo por isso mesmo todo o organismo, neutralisam os movimentos; e n'um cavallo flexivel e bem equilibrado fal-o-hiam *enrolar* o pescoço e vir para a mão do cavalleiro — resultado inteiramente contrario áquelle que se deve desejar sobre os cavallos corredores. O ataque de uma das esporas leva o animal a fugir com a garupa para o lado opposto, e a acção de as cravar, ou rasgar os flancos, sobre ser um castigo brutal e barbaro, leva o animal o mais sensivel e mais docil á desobediencia, á insensibilidade e ao resaibo. Fallando das esporas, e a proposito da difficuldade de bem empregar esta ajuda, sobretudo na equitação superior, diz o primeiro equitador do seculo, o immortal F. Baucher: «as esporas nas botas d'um cavalleiro ignorante são como a navalha de barba nas mãos do macaco.» Este modo de dizer do mestre, tão conceituoso como verdadeiro, e que para mim tem as honras de bello aphorismo, indicará ao leitor o tacto de que é preciso dispôr-se para convenientemente se empregarem as esporas.

Os *jockeys* intelligentes não dão uma esporada mal e indevidamente, e quando chegam a levantar o chicote para ajudar um cavallo, fazem-no por tal fórma que a pontilha, nos seus giros consecutivos, resvala sempre sobre o corpo do animal não lhe chegando a tocar o ventre. Esta maneira particular de manejar o chicote, além de ser elegante, tem a vantagem de tornar mais repetidas e mais suaves as chicotadas, que só poderão cabir em pontos determinados em consequencia da precisão com que são applicadas, para o que muito concorre a pouca flexibilidade dos chicotes de que os *jockeys* usam ordinariamente. N'uma palavra, a espora e o chicote, que representam ao mesmo tempo um poderoso auxiliar e um meio de rigoroso castigo, porque levam o cavallo a redobrar de energia, de força e de velocidade, ao passo que o reduzem á mais passiva obediencia, não devem ser empregados indistinctamente e fóra de proposito, mas sim com todo o tacto e sempre em conformidade com o que se deseja obter do animal, segundo as suas forças e a natureza das resistencias que se apresentarem.

JOSÉ MARTINS DE QUEIROZ MINOTES.